

Bacha recomenda acordo rápido com os credores

por Cecília Costa
do Rio

O Brasil não tem escapatória. Vai ter de fechar, neste ano e rápido, um acordo com os credores, aproveitando, se possível, a repercussão internacional da moratória dos juros para conseguir, pelos menos, a aceitação de um plano econômico que gere algum crescimento. Dobrar a aposta e se manter firme em suas atuais posições é impossível, porque para isso seria necessário apresentar um superávit comercial de US\$ 12 bilhões ou US\$ 14 bilhões ou então passar por um processo de "albanização" (fechamento) da economia.

Essas observações foram feitas ontem à noite pelo professor Edmar Bacha, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), ao realizar conferência sobre a dívida externa e a suspensão do pagamento dos juros, durante seminário promovido pelo Instituto de Economistas do Estado do Rio de Janeiro (IERJ). A pouca margem de barganha do governo brasileiro no que se refere à continuidade da moratória, segundo explicou Bacha, deve-se ao seguinte fato: deixar de pagar apenas os juros devidos aos bancos privados não é solução, porque mesmo assim o balanço de pagamentos não fecha neste ano.

Por outro lado, o País dificilmente teria condições de deixar de pagar também aos credores governamentais e instituições internacionais, "porque peitar governos, Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Interamericano é mais difícil ainda do que peitar bancos privados".

O ex-presidente do Instituto Brasileiro de Geogra-

fia e Estatística (IBGE) não descarta nem a hipótese de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), caso essa instituição tenha realmente mudado seus postulados básicos e aceite planos de estabilização compatíveis com o crescimento.

NOVA ORDEM E EFEITO DOMINO'

O Brasil poderia evitar o acordo tradicional com os credores e ser o primeiro país a conseguir uma negociação da dívida inovadora se com sua atitude, adotada no dia 20 de fevereiro, acarretasse uma reforma profunda no sistema financeiro internacional ou um efeito dominó na América Latina, ou seja, a solidariedade dos demais países devedores à suspensão dos juros. No que se refere à reforma ou nova ordem, porém, Bacha não crê que venha a ocorrer a curto prazo, "porque faltam estadistas no mundo capazes de liderar um novo Bretton Woods ou de propor a criação de um novo organismo internacional, que teria a função de comprar todas as dívidas do Terceiro Mundo e oferecer condições de renegociação mais favoráveis.

Quanto ao efeito dominó, ele também não crê que aconteça, já que os demais países da América Latina, em sua maioria, fecharam acordos com os bancos e o FMI. Uma das características desses acordos mais recentes, frisou, foi a criação de vários mecanismos de conversão de dívida em capital ou pagamento da dívida por meio da emissão de títulos ou obrigações. Essa é, aliás, na sua opinião, a tendência mais forte, no momento, do mercado financeiro internacional em relação ao problema das dívidas da América Latina.